



## A séria crise do etanol brasileiro

**Síntese:** *Maior produtor mundial de cana-de-açúcar, o Brasil tornou-se grande importador de etanol, depois de dominar o mercado global por longo período. Razões climáticas e contratempos econômico-financeiros ajudam a explicar a mudança abrupta, mas o componente mais significativo é a total ausência de uma política pública clara para o setor sucroalcooleiro nacional. No pouco que agiu para enfrentar os problemas, o governo brasileiro apenas colaborou para tornar mais difícil uma situação que já não era favorável. A principal distorção nasceu da política de preços praticada pela Petrobras, transformada num entrave à entrada de novos investidores.*

Maior produtor mundial de cana-de-açúcar, o Brasil vive hoje uma situação impensável até pouco tempo atrás. Neste ano, o país tornou-se grande importador de etanol, depois de dominar o mercado global por longo período. A crise que atinge o setor sucroalcooleiro nacional tem ingredientes que misturam fatores climáticos a contratempos econômicos e financeiros, mas encontra seu componente mais dramático na ausência de uma política pública setorial clara.

Na última década, o Brasil ofereceu ao mundo o etanol como alternativa ecológica e sustentável aos poluentes combustíveis derivados de petróleo. Entre 2000 e 2008, as lavouras de cana do país expandiram-se a uma média de 10% ao ano, num renascimento inimaginável desde que o Proálcool fizera água nos anos 1990. As vendas para o exterior também decolaram. O horizonte não podia ser mais promissor.

A arrancada deveu-se, principalmente, à introdução dos carros flex no mercado nacional e ao apelo crescente pelo uso de combustíveis renováveis e menos poluidores em todo o globo. Com condições tão favoráveis, o etanol brasileiro parecia predestinado a conquistar o mundo. As exportações foram ascendentes e chegaram a atingir US\$ 2,4 bilhões em 2008, quando tudo começou a mudar.

A crise econômica mundial que eclodiu naquele ano pegou em cheio os produtores brasileiros de etanol. Descapitalizadas, a saída encontrada pelas usinas foi reestruturar-se financeira e societariamente. Empresas endividadas – estima-se que um terço do setor tenha mergulhado em dificuldades – foram incorporadas por concorrentes e a expansão do setor perdeu força: a média anual caiu a 3% desde então.

Para piorar, problemas climáticos se sucederam nas últimas safras, ora castigadas por chuvas em excesso, ora por secas e geadas inclementes. Neste ano, no Centro-Sul, principal zona produtora do país, a quebra de safra é estimada em 20% e o prejuízo, em R\$ 10 bilhões. Diante de tantos contratempos, o setor sucroalcooleiro mostrou-se incapaz de acompanhar a velocidade do crescimento das vendas de veículos flex – por seu turno, incentivadas pelo governo brasileiro – e o conseqüente aumento da demanda por álcool anidro e hidratado.

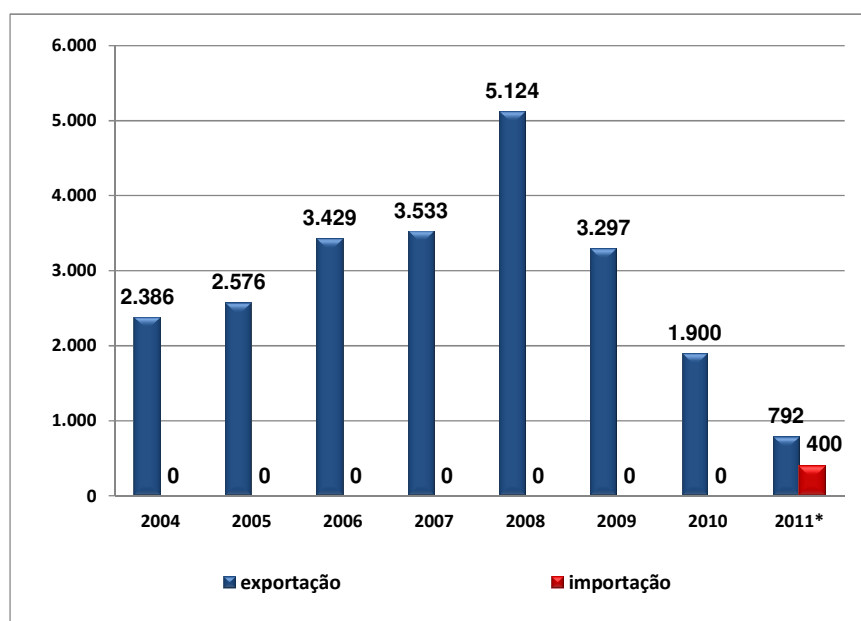
O país viu-se, então, diante da necessidade de importar etanol para livrar-se de uma crise de abastecimento. Até julho, 400 milhões de litros vieram dos Estados Unidos, mas o volume deve alcançar 1,1 bilhão de litros até dezembro – o que equivale a 4% da produção brasileira. Ou seja, de grande exportador, o Brasil tornou-se importador do combustível. A balança do setor caminha para se tornar deficitária em breve.

Os EUA vão ganhando espaço e preparam-se para se tornar o maior exportador do mundo: embarcaram 2,3 bilhões de litros no primeiro semestre, dos quais metade para o Brasil. A grande ironia é que, nos últimos anos, o Itamaraty brigou para conseguir extinguir os subsídios americanos ao álcool de milho e para derrubar a tarifa de importação imposta ao etanol brasileiro. Em julho passado, finalmente conseguiu, mas até hoje a vitória foi inócua.

### Danos colaterais

No pouco que agiu até agora para enfrentar estes problemas, o governo brasileiro apenas colaborou para tornar ainda mais difícil uma situação que já não era nem um pouco favorável. A principal distorção no mercado de combustíveis nasce da política de preços praticada pela Petrobras no país.

### Balança comercial do etanol (em milhões de litros)



Fontes: Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis e Unica. \*Até julho

Numa prática de verniz populista, nos últimos cinco anos o governo determinou que a estatal deixasse de repassar as oscilações das cotações internacionais de petróleo às distribuidoras locais. Como, desde 2009, a tendência é de alta, o bolso do consumidor brasileiro acabou poupado, mas a Petrobras passou a acumular perdas: apenas no primeiro semestre deste ano, foram US\$ 4 bilhões. O virtual congelamento respingou no etanol.

Por suas características energéticas, o combustível da cana obtém desempenho equivalente a 70% do alcançado por motores abastecidos com gasolina. Isso significa que, economicamente, só vale a pena usar etanol se a relação entre o seu preço e o do fóssil nas bombas não superar 70%. Ou seja, com o valor do derivado de petróleo estacionado, o do álcool também ficou aprisionado.

Ocorre que os custos de produção do etanol brasileiro escalaram em mais de 40% nos últimos seis anos, segundo a União da Indústria da Cana-de-Açúcar. Com canaviais envelhecidos, a produtividade decaiu e, desde 2005, o Brasil deixou de ser o mais competitivo do mundo no plantio de cana-de-açúcar. Já perdemos em competitividade para Austrália, África do Sul e Tailândia.

Em busca da sobrevivência e de olho no mercado internacional, as usinas nacionais direcionaram seus esforços para a produção de açúcar, 50% mais lucrativo que o etanol. A decisão aumentou o desabastecimento do mercado de combustíveis, forçou a importação e jogou os preços nas bombas para cima. Foi o suficiente para detonar uma quebra de confiança dos compradores de veículos flex, cuja participação nas vendas vem caindo ao longo deste ano.

### **Intervenção estatal**

O governo petista buscou resolver o problema distorcendo ainda mais o quadro. Em vez de incentivar uma solução pelo mercado, ou seja, baseada na ampliação da competição privada, determinou que a Petrobras aumentasse sua participação no setor sucroalcooleiro. De acordo com a estratégia, fixada em maio, a fatia da empresa no setor deve subir de 5% para 12% em quatro anos.

O objetivo do governo é tornar-se sócio de empresas que hoje vendem açúcar e forçá-las a produzir etanol, de maneira a aumentar a oferta e, assim, baixar os preços. É provável que o movimento reduza ainda mais a atratividade do setor sucroalcooleiro e espante novos investimentos privados. Para obter a necessária expansão da oferta, são necessários aportes de R\$ 80 bilhões nos canaviais brasileiros. Também é preciso dobrar a área plantada, para 18 milhões de hectares, e construir 15 usinas por ano nesta década.

Ao invés de descarregar todo o peso do Estado num setor eminentemente privado, o governo poderia traçar uma política pública de longo prazo capaz de dar condições para que os investimentos deslanchassem. Um primeiro ponto diz respeito à carga tributária: hoje 32% do preço do etanol na bomba são impostos. Uma fonte de energia limpa merece ter tratamento mais condizente com os benefícios ambientais, sociais e de saúde pública que gera.

Já a ampliação de linhas de crédito permitiria a capitalização do setor e a necessária recuperação dos canaviais. A formação de estoques reguladores, por sua vez, teria o condão de evitar as indesejáveis oscilações de preços verificadas a cada entressafra. Nada disso, porém, terá força suficiente para superar a distorção que a política de preços da Petrobras impõe ao mercado brasileiro de combustíveis, mantendo-o fechado à entrada de novos competidores e a alternativas como o etanol, potencialmente mais barato para o consumidor e menos poluente.



“Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV” é uma publicação quinzenal do Instituto Teotônio Vilela.

---

INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA – [www.itv.org.br](http://www.itv.org.br)

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal Anexo 1 – 17º andar – Sala 1707 . CEP 70.165-900 . Brasília – DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 . [itv@itv.org.br](mailto:itv@itv.org.br)